

# O operário em (des)construção

Adilson Citelli\*

*Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação, bem como pesquisador IC do CNPq\*\*. E-mail: citelli@uol.com.br*

Nesta edição, a revista *Comunicação & Educação* publica dois textos que explicitam uma série de contradições que matizam o modo de produção capitalista, destacando, sobretudo, o problema da reificação, da apropriação alienada do trabalho. Sob andamentos um pouco diferentes, o tema do assujeitamento, da subsunção da vida humana aos interesses do capital, é elaborado em duas obras que já se tornaram clássicas: *O operário em construção*, poema de Vinicius de Moraes, publicado em 1956, na primeira edição do quinzenário *Para Todos*, e a canção de Chico Buarque, *Construção*, lançada em 1971, em LP de mesmo nome. Os dois textos relatam a trajetória de operários que laboram na construção civil e se acham marcados pelas duras condições que acompanham suas atividades. Entretanto, como se verá, os textos revelam singularidades no modo de tratar o assunto; enquanto um indica falta de saída, criando um sufocante clima de impossibilidades, o outro aponta alternativas, mostrando um possível caminho para o trabalhador superar as condições que o degradam.

Na canção de Chico Buarque, o elemento dramático se faz presente no primeiro verso: “Amou daquela vez como se fosse a última”, passagem que prenuncia a tragédia final do trabalhador. Na sequência das estrofes constituem-se os lineamentos desumanizadores do sujeito ante as coisas e as funções por ele exercidas: “Subiu a construção como se fosse máquina”, “Seus olhos embotados de cimento e lágrima”: fusão coisificadora de elementos espirituais e materiais; movimento que promove a alegoria da perda dos sentidos que deveriam singularizar o ser humano. Tudo isto evidencia a condição de não sujeito do trabalhador. Diante da opressão e da falta de saída no interior de um sistema que afirma a matéria em detrimento da subjetividade, da afetividade, dos elementos de identidade, ao operário só cabe o final trágico e desumanizador: “E se acabou no chão feito um pacote flácido”.

O poema de Vinicius de Moraes aborda, inicialmente, a contradição do sistema capitalista ao descrever a trajetória do trabalhador: “Sendo sua liberdade / Era a sua escravidão”. Em meio ao processo de alienação, o personagem do

POESIA

\* Com a colaboração de Cristine Vargas (revista *Comunicação & Educação* – ECA/USP e FFLCH/USP).

\*\* É autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: *Linguagem e persuasão* (Ática: 1994); *Comunicação e educação: a linguagem em movimento* (Senac: 2000); *Palavras, meios de comunicação e educação* (Cortez: 2006).

texto passa por um processo de conscientização ao perceber que “Tudo naquela mesa / Garrafa, prato, facão / Era ele quem fazia / Ele um humilde operário / Um operário em construção”. Ao ganho de consciência, sucede a resistência ao sistema: “E foi assim que o operário / Do edifício em construção / Que sempre dizia *sim* / Começou a dizer *não*”. Por fim, a redenção é apresentada através da possibilidade de o sujeito reinterpretar o universo que o circunda, adentrando um novo plano existencial: “O operário adquiriu / Uma nova dimensão: / A dimensão da poesia”.

## REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

### Chico Buarque

No dia 19 de junho de 1944, nasce, no Rio de Janeiro, Francisco Buarque de Hollanda, o quarto dos sete filhos do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda e da pianista amadora Maria Amélia Cesário Alvim. Em São Paulo, o compositor fez o Ensino Fundamental e Médio no Colégio Santa Cruz, onde se apresentou pela primeira vez num palco com uma composição própria, *Canção dos olhos*.

Em 1963, ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, cursando apenas até o terceiro ano. No ano seguinte, inscreve-se no festival promovido pela TV Excelsior com a canção *Sonho de um Carnaval*, cantada por Geraldo Vandré. Em 1965, lança sua primeira gravação, o compacto *Olé Olá*. Sua projeção nacional ocorreria logo depois, ao vencer o festival de MPB da TV Record, com a canção *A banda*.

Em 1967, Chico Buarque estreia a peça *Roda-viva*, entretanto, com o acirramento da ditadura militar, o espetáculo é censurado. Em 1968, Chico exila-se na Itália. Voltando ao Brasil em 1970; produz, no ano seguinte, o álbum *Construção*.

Em 1974, lança o álbum *Sinal Fechado* e inicia a carreira de escritor ao publicar a novela *Fazenda modelo*. Um ano depois, escreve com o dramaturgo Paulo Pontes a peça *Gota d'água*. Segue-se a *Ópera do malandro*, obra na qual Chico Buarque escreve e compõe as canções, e que resulta no Prêmio Molière de melhor autor teatral de 1978. Em 1979, publica o livro infantil *O chapeuzinho amarelo*.

A partir de 1992 publica uma série de romances: *Estorvo*, com o qual ganha o Prêmio Jabuti de Literatura; *Benjamin* (1995); *Budapeste* (2003); e *O leite derramado* (2009).

### Vinicius de Moraes

Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes nasce em 19 de outubro de 1913, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, filho da pianista Lydia Cruz de Moraes e do poeta bissexto Clodoaldo Pereira da Silva Moraes. Escreve seu primeiro

poema aos sete anos de idade. Aos nove, vai com a irmã Lygia a um cartório e altera seu nome para Vinicius de Moraes.

Aos 19 anos publica seu primeiro livro de poesia, *Caminho para a distância*, e aos 22, ganha o Prêmio Felipe d'Oliveira pelo livro *Forma e exegese*, publicado em 1935. Cursa a faculdade de Direito no Rio de Janeiro e Literatura Inglesa na Universidade de Oxford, Inglaterra.

Ingressa na carreira diplomática, por concurso, em 1943, tendo servido em Los Angeles, Paris e Montevideu. Vinicius de Moraes foi ainda crítico e censor cinematográfico. Como delegado brasileiro, participou de festivais internacionais de cinema em Cannes, Berlim, Locarno, Veneza e Punta del Leste. Em 1966, fez parte do Júri Internacional de Cannes. Seu drama *Orfeu da Conceição* foi montado para o teatro em 1953 e transposto para o cinema por Marcel Camus, em 1959; com *Orfeu negro*, ganha a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de Hollywood como o melhor filme estrangeiro.

Na década de 1960, integra o movimento musical conhecido como Bossa Nova, mesclando elementos de samba e jazz. Faz parceria com Pixinguinha, Carlos Lyra, Ary Barroso, João Gilberto, Francis Hime, Edu Lobo, Baden Powell, Toquinho e Tom Jobim, com quem comporia a música *Garota de Ipanema*. Diversos poemas seus foram posteriormente musicados.

Em 1969, é exonerado do Itamaraty. Ao confirmar os boatos de que o governo o perseguia, viaja pela Europa e grava dois discos na Itália com Toquinho, em 1975.

No dia 17 de abril de 1980, é operado, no Rio de Janeiro, para a instalação de um dreno cerebral e, na manhã de 9 de julho, falece de edema pulmonar, em sua casa na Gávea, em companhia de sua última mulher e do parceiro musical Toquinho.

## POESIAS

### Construção

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego  
Amou daquela vez como se fosse o último  
Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho seu como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado  
Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego  
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse máquina  
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo  
E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado  
E se acabou no chão feito um pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio náufrago  
Morreu na contramão atrapalhando o público  
Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

### **O operário em construção**

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:

– Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

– Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.

*Lucas, cap. V, vv. 5-8.*

Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as casas

Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa de um homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.

De fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia...  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
– Garrafa, prato, facão –  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário em construção  
Olhou em torno: gamela

Banco, enxerga, caldeirão  
Vidro, parede, janela  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era ele quem o fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que não havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois além do que sabia  
– Exercer a profissão –  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que sempre dizia *sim*  
Começou a dizer *não*.  
E aprendeu a notar coisas  
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação  
– “Convençam-no” do contrário –  
Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspidado  
Teve seu braço quebrado

Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
– Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia



O lucro do seu patrão  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca de sua mão.  
E o operário disse: Não!

– Loucura! – gritou o patrão  
Não vê o que te dou eu?  
– Mentira! – disse o operário  
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se  
Dentro do seu coração  
Um silêncio de martírios  
Um silêncio de prisão.  
Um silêncio povoado  
De pedidos de perdão  
Um silêncio apavorado  
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas  
E gritos de maldição  
Um silêncio de fraturas  
A se arrastarem no chão.  
E o operário ouviu a voz  
De todos os seus irmãos  
Os seus irmãos que morreram  
Por outros que viverão.  
Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho mágico**: poesia e política em Chico Buarque. São Paulo: Hucitec, 1982.

SILVA, Thais Santi Cardoso. **Reconstrução da liberdade moderna a partir de um diálogo entre estrutura e subjetividade**. **Sequência**: revista do curso de

pós-graduação em Direito da UFSC. Florianópolis: Fundação Boiteux, n. 47, p. 33-57, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/sequencia>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

### **Endereços eletrônicos**

Chico Buarque: vida. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/vida>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

“Construção”. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=construc\\_71.htm](http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=construc_71.htm)>. Acesso em: 29 mar. 2010.

“O operário em construção”. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia/index.php>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

Vinicius de Moraes: biografia. Disponível em: <[http://www.releituras.com/viniciusm\\_bio.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp)>. Acesso em: 29 mar. 2010.